

José Roberto Santos Neves

Queremos o João!

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

"Que palhaçada é essa?", revoltou-se Ava Araújo no Facebook. Teve gente que preferiu fazer piada. Ágil como sempre, Ancelmo Gois esclareceu que não é ele quem mora lá, e sim uma ex-namorada. Foram várias as reações à notícia da ação de despejo contra João Gilberto. Motivo: a condessa ítalo-brasileira dona do apartamento estaria irritada com a recusa do inquilino em aceitar reparos no local. Entre outras atitudes "hostis", ele teria impedido o acesso de pedreiros que iriam consertar uma janela. O que, em se tratando de João Gilberto, é perfeitamente plausível.

A bem da verdade, "Joãozinho", como a ele se refere o escritor Ruy Castro no livro "Chega de Saudade", sempre foi um nômade. Na primeira e na segunda metade dos anos 50, tempos pré-bossa nova, a ele interessavam apenas o seu violão e a busca obstinada pela batida perfeita que mudaria os rumos da música brasileira.

Nesse período, conta Castro, o baiano João passou sete meses em Porto Alegre, bancado pelo amigo Luís Telles; depois voltou ao Rio, onde ficou mais seis meses no apartamento de Telles, na Praça do Lido, de onde foi convidado a se retirar por não colaborar com o orçamento doméstico, buscando, assim, abrigo do outro lado da rua, na quitinete de um pintor argentino chamado Alfonso Lafita. Era mais ou menos assim: João batia na porta da casa de amigos e desconhecidos, com o violão na mão e a voz doce, levemente sedutora, perguntando se podia ficar ali por alguns dias, ou, ainda, tocar um violão juntos, caso o interlocutor também fosse do ramo (e normalmente era).

Quase todos cediam aos seus encantos, até o momento em que percebiam que o hóspede alterava completamente a rotina do local, acordando às três da tarde e almoçando às dez da noite. Isso sem falar nas madrugadas que passava acordado, em busca da - sempre ela - batida perfeita.

Resultado: Lafita também expulsou nosso herói de casa, e tempos depois ele foi acolhido por Tito Madi, que o convidou a morar com ele em seu apartamento na Av. Atlântica. A lua de mel durou apenas cinco meses, até Madi sair de casa e deixar Joãozinho mais uma vez sem teto.

Ao reler as aventuras do papa da bossa nova, lembro do diagramador Umberto comentando na redação de A GAZETA sobre os finais de semana em que João Gilberto aparecia, incógnito, em Manguinhos, para rever parentes próximos. De fato, antes de entrevistar Caetano Veloso no show "Prenda Minha", em 1999, tive de aguardar o cantor cumprimentar efusivamente um sobrinho de João Gilberto no camarim. A cantora Ester Mazzi também me confidenciou que não é raro passar as madrugadas ao telefone com o amigo recluso.

Diante dessas evidências, proponho ao povo civilizado (Noel é irresistível): vamos trazer João Gilberto para o Espírito Santo! Nossas praias têm muita bossa (sem trocadilhos, por favor); temos morros, calçadão, o Penedo, o Convento da Penha... E temos ainda o Rogério Coimbra para lhe contar o papel secreto de Vitória no advento da bossa nova. E, assim, o João poderá cantar o "Desafinado" por nossas bandas, sem que ninguém tenha a infeliz ideia de despejá-lo.

José Roberto Santos Neves

Pensando bem... Será que ele não passou o carnaval aqui?